

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

**Natália Ramos Ferreira**

**MOVIMENTO SAGRADO:  
UM ESTUDO DO GIRO COMO FORMA DE ORAÇÃO**

Porto Alegre

2015

**Natália Ramos Ferreira**

**MOVIMENTO SAGRADO:  
UM ESTUDO DO GIRO COMO FORMA DE ORAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann

Porto Alegre  
2015

**Natália Ramos Ferreira**

**MOVIMENTO SAGRADO:  
um estudo do giro como forma de oração**

Conceito final:

Aprovado em ..... de..... de 20....

BANCA EXAMINADORA

---

Marta Ratenieks Roessler - UFRGS

---

Orientador – Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann - UFRGS

Agradeço ao Professor Jair, pela orientação neste trabalho e por ser um grande inspirador no caminho que escolhi seguir;

Agradeço aos demais professores com quem tive a sorte e o privilégio de conviver e aprender ao longo destes anos de convívio;

Agradeço às amigas que me acompanharam neste trajetória, especialmente a Gracielli Lattuada, parceira de tantas empreitadas, e Priscila Ramos, sempre presente mesmo que distante;

Agradeço aos colegas formandos, por todos os momentos, angústias e alegrias que compartilhamos ao longo deste ano;

Agradeço a Deus, por me abençoar com as circunstâncias que me fizeram chegar até aqui;

Finalmente, agradeço à minha família, por estar sempre ao meu lado, por acreditar nas minhas capacidades, por me proporcionar experiências tão enriquecedoras e pela bênção de tanto amar e tanto ser amada.

Dedico este trabalho à minha família, por todo o amor, por me apoiar em todos os meus projetos e por ser a razão de minha felicidade.

Disse-lhe: 'mostra-me a escada para que eu também possa subir ao céu.'

Ele respondeu-me: 'tu mesmo és a escada, sobe nos teus ombros, se consegues dominar-te, as estrelas te obedecerão e no céu se delinearão para ti mil caminhos e na direção de sempre novas auroras tu voarás como uma oração'.

Rumi

## RESUMO

Desde seus primórdios, a dança esteve ligada a celebrações ou rituais de comunhão com o sagrado. Uma vez que se estabeleceu a divisão entre corpo e espírito, atribuindo ao primeiro um valor inferior, a dança deixou de ser reconhecida, por grande parte da sociedade, como forma de integração do homem com as forças invisíveis. Por isso, o presente trabalho teve como objetivo o estudo de práticas ou tradições de dança que proporcionem ao indivíduo essa transcendência, autoconhecimento e conexão com o poder divino, focando, principalmente, no movimento do giro como forma de oração, através de três exemplos. Neste estudo, foram selecionados o giro sufi, criado pelo poeta e mestre Rumi, as danças circulares sagradas, cujo movimento adquiriu força e expansão através do trabalho de Bernhard Wosien, e as danças de cultos afro-brasileiros. O trabalho propôs-se, portanto, a refletir sobre o porquê da incidência de movimentos de giro nessas danças, quais as particularidades de cada manifestação e de que forma elas podem ser consideradas como oração. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa documental, abordando conceitos de oração e questões referentes à capacidade da dança de mexer com as emoções e levar o homem a um outro estado de presença. Por fim, foram analisados os três giros selecionados, observando os traços de cada um dentro de seu contexto e quais os elementos que fazem deles orações. Conclui-se que, mesmo em contextos bem diferentes, os propósitos do giro são muito semelhantes. Através destas reflexões, o trabalho pretende contribuir para a redescoberta da dança como potencial humano de transcendência.

Palavras-chave: oração; dança sagrada; movimento do giro.

## ABSTRACT

Since its beginning, dance has been connected to celebrations or rituals of communion with the sacred. Once the division between body and spirit was established, giving to the first an inferior value, dance stopped being considered, by most part of society, as a way of integrating men and the invisible forces. Therefore, the present paper had as its objective the study of practices or dance traditions which allow the individual to reach transcendence, self knowledge and connection with the divine power, focusing, mainly, in the whirling movement as prayer. Three different examples were used: sufi whirling, created by the poet and spiritual master Rumi, circular sacred dances, developed by Bernhard Wosien, and dances from african-brazilian cults. The paper, then, reflected upon the reason why theses dances include the whirling movement, which are the particularities of each manifestation and how they can be considered prayers. A documental qualitative research was conducted to establish concepts of prayer and matters regarding dance's capacity to influence the emotions and lead men to another state of presence. At last, the three examples were analyzed, emphasizing their traits inside each context and the elements that turn them into prayer. It was concluded that, even in very different situations, the purposes of the whirling movement are quite similar. Through these reflections, the paper intends to contribute to the rediscovery of dance as a human way of transcending.

Key-words: prayer; sacred dance; whirling movement.

## SUMÁRIO

<b>1. O PRIMEIRO IMPULSO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. BUSCA DO SAGRADO .....</b>	<b>12</b>
<b>3. DANÇA: TEMPLO EM MOVIMENTO .....</b>	<b>21</b>
<b>4. MOVIMENTO SAGRADO .....</b>	<b>29</b>
4.1. GIRO SUFI .....	31
4.2.DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS .....	34
4.3.DANÇAS DE CULTOS AFRO-BRASILEIROS .....	37
4.4.PARALELIZANDO OS GIROS .....	39
<b>5. FECHANDO UM CICLO .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>

## 1. O PRIMEIRO IMPULSO

Desde muito pequena, sempre fui encantada pela dança, pela sensação que ela era capaz de causar, pela alegria que transbordava de mim quando me movimentava, seguindo a melodia ou as batidas de uma música. Nunca fui muito expansiva. Sempre muito tímida e retraída, envolvia-me com meus brinquedos, mas a dança tinha esse poder de me transformar em outra pessoa: dançando, sentia uma intensa vibração, o que era, para mim, uma experiência de felicidade.

Ao participar do grupo de danças folclóricas do colégio onde estudava, percebia como essa sensação era compartilhada por todos, e como todo o grupo parecia arrebatado por uma força maior. Apesar de admirar solos e demonstrações individuais de habilidades na dança, sempre tive fascínio por apreciar um grupo dançando em sincronia, observando todos os bailarinos juntos, formando um só. Não sabia muito bem o motivo pelo qual achava isso tão lindo, mas era o que mais me impressionava e me realizava. Além do grupo de danças, também participei, por um período, da banda marcial do colégio, do pelotão de frente, e lembro como era boa a sensação de marchar junto com a banda. Sentia algo como um engrandecimento, como se transbordasse os limites do meu próprio corpo para me fundir com a banda.

Ao entrar na faculdade de dança, nas aulas do professor Jair, tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre aspectos da dança que, apesar de sempre ter sentido de alguma maneira, nunca havia pensado a respeito. Na disciplina de danças folclóricas internacionais, tivemos o privilégio de contar com diversos convidados que ministraram aulas de diferentes danças do mundo. Achava incrível como cada tradição tinha suas características e peculiaridades, mas, de modo especial, como todas tinham uma relação tão forte com a dança.

Numa determinada aula, o convidado explicou que algumas daquelas danças eram executadas durante horas a fio, com o objetivo de atingir outros estados de consciência, para estabelecer um contato com forças superiores. Foi a primeira vez que soube da relação da dança com aspectos da espiritualidade e como ela estava relacionada, em muitas culturas, com momentos de transcendência. Desde aquela ocasião, resolvi que gostaria de estudar mais sobre este tema, de procurar entender o que existe na dança que lhe dá esse poder de transportar as pessoas para um *outro lugar*, este poder que eu sentia desde pequena, mas que não sabia explicar.

Posteriormente a isso, na disciplina de Dança e Transpessoalidade, aprofundamos mais algumas questões sobre a capacidade da dança de modificar nosso estado, através de práticas, leituras e discussões e também vimos como tudo isso se relaciona com muitas outras questões da psicologia, filosofia e religião.

As questões da espiritualidade também sempre me atraíram muito. Apesar de ter tido uma formação católica, gosto de ler sobre outras religiões, de tentar entender seus princípios e acredito que cada uma delas tenha aspectos que podemos agregar a nossa vida. Não acredito na ideia de ser fiel a uma única crença; acredito, sim, na ideia de procurar descobrir em que aspectos cada uma pode contribuir na construção de sua espiritualidade.

Todas essas experiências foram despertando meu interesse e, por esse motivo, optei por realizar meu trabalho de conclusão nesta área: as relações da dança e da espiritualidade.

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é estudar o movimento do giro, presente em muitas danças, como forma de oração.

Para isso, dividimos o trabalho em três capítulos centrais. O primeiro abordará oração como uma necessidade humana de transcendência e contato com o divino, sem relacionar necessariamente a uma religião específica, já que se trata de uma prática observada em muitas crenças. O segundo falará do potencial da dança de transportar o homem para um outro estado e também abordará, brevemente, a antiga relação da dança com religião ou rituais sagrados. Por fim, o último capítulo tratará do movimento do giro especificamente, considerando tanto o giro em torno do próprio eixo, individual, como o giro em torno de um eixo coletivo. Considerando a gama de danças e práticas que apresentam este movimento, selecionamos, para este trabalho, três diferentes manifestações: o giro sufi dos mevlevi, as danças circulares sagradas e as danças de religiões afro-brasileiras, como batuque e candomblé.

Nunca havia tido contato com o giro sufi. Na verdade, foi através de um vídeo de um poema de Rumi<sup>1</sup>, que vi a dança pela primeira vez e, a partir daí, meu interesse foi despertado. Tendo decidido abordá-lo em meu trabalho, fui até a cidade de Nazaré Paulista, para participar de um encontro sobre iniciação e prática do giro Sufi, ministrado por Gabriele Wosien. Tive oportunidade de experimentar e assistir ao ritual do Sama, do qual o giro faz parte.

Com as danças circulares tive contato na universidade, nas disciplinas já mencionadas, que me possibilitaram uma noção do que se tratava e de suas características gerais. As danças de religiões afro-brasileiras foram selecionadas por se tratarem de uma manifestação de nossa

---

<sup>1</sup> Poeta místico que desenvolveu o Giro Sufi.

cultura que, muitas vezes, é marginalizada pela falta de conhecimento das pessoas em relação a ela.

Considerando tudo isso, o trabalho justifica-se por tratar de um tema que vem cada vez mais despertando o interesse das pessoas, já que a busca por práticas que trabalhem com a espiritualidade de uma maneira mais abrangente, partindo da ideia de encontro consigo mesmo, vem crescendo muito nos últimos tempos. Além disso, a abordagem do trabalho vai ao encontro do novo paradigma da ciência que torna cientificamente relevantes questões que antes eram desconsideradas neste meio. Este estudo constitui-se, conforme Gil (2008), em uma pesquisa qualitativa documental, visto que serão utilizados como fontes não somente livros e artigos (pesquisados em bases de dados nacionais e internacionais), mas também vídeos, com entrevistas e palestras, além de outros materiais disponíveis na internet. A escolha dessa metodologia se justifica, pois, conforme o paradigma adotado, entende-se que também materiais não acadêmicos podem ser de grande valia para tentarmos compreender a complexidade do tema abordado.

## 2. BUSCA DO SAGRADO

Pois todos os caminhos conduzem a Deus. A dimensão de fé, a dimensão mística, a dimensão de uma visão mais originária e profunda consistem em ver que cada caminho não é errância. Cada caminho é caminho para a fonte. Por isso, por mais diversas que sejam as religiões, todas elas falam do mesmo, do mistério, de Deus. (BOFF, 2000, p.73)

Os seres humanos, sejam eles pobres ou ricos, jovens ou velhos, das mais diferentes culturas e em todos os tempos, tem-se perguntado sobre grandes questões da vida: Como e por que existimos? Quem somos? O que estamos fazendo aqui? Para onde vamos? Estes questionamentos revelam a essência de nossa humanidade, o fato de que não nos conformamos com a ideia de simplesmente existirmos, mas queremos explicações para isso.

O homem vive uma busca permanente. O coração humano é sempre sedento e procura encher-se de sentido e de razão para a vida. Ele procura aconchego e descanso; quer abrigar-se na certeza e na confiança. Sonha, acredita, teme, treme e palpita. Bate ao ritmo da vida e dos acontecimentos, encontros e desencontros, luzes e trevas, graça e pecado, alegria e dor.

Num mundo tão desenvolvido, não bastam a tecnologia, a facilidade, as respostas imediatas. Mesmo tendo o mundo nas mãos, o coração sente-se vazio e quer preencher-se, completar-se, transbordar, transcender-se..

Leonardo Boff fala sobre esta característica humana de ir além daquilo que é dado, de ser um ser criativo, capaz de utopia, capaz de sonhar, imaginar e se perguntar sobre o porquê das coisas.

Por isso, ele cria símbolos, cria projeções, cria sonhos. Porque ele vê o real transfigurado. Essa capacidade é o que nós chamamos de transcendência, isto é, transcende, rompe, vai para além daquilo que é dado. Numa palavra, eu diria que o ser humano é um projeto infinito. Um projeto que não encontra neste mundo o quadro para sua realização. Por isso é um errante, em busca de novos mundos e novas paisagens. (BOFF, 2000, p. 37)

Por ter essa capacidade e, na tentativa de encontrar explicações, justificativas ou um sentido para estarmos aqui, termos esta existência, vivermos sob as circunstâncias em que vivemos, a humanidade baseou-se, ao longo dos tempos, em quatro caminhos para buscar

estas respostas: a filosofia, a arte, a religião e a ciência. Enquanto as três primeiras se ocupavam do porquê das coisas, a ciência procurava explicar o como.<sup>2</sup>

Durante muito tempo, estes caminhos eram vistos como coisas isoladas umas das outras, as quais tinham seu próprio campo de atuação, e não podiam ser vistas de forma integrada, fazendo parte de um todo na composição da essência humana. No entanto, essa segregação (que uma vez existia entre estes diversos caminhos ou diversas formas de se tentar compreender a vida) vem, cada vez mais, diluindo-se e, atualmente, há uma forte tendência que conduz para uma visão mais global das coisas.

O paradigma emergente da ciência aponta justamente para um entendimento do todo, do homem, por exemplo, em todas as suas dimensões, não mais o fragmentando em seções distintas, mas procurando um olhar que vislumbre sua totalidade, que englobe razão, emoção... Por este paradigma, aceita-se como científico, por exemplo, um estudo que avalie a influência da oração, na recuperação de pacientes<sup>3</sup>. Portanto, a ideia de que espiritualidade e ciência eram coisas distintas e que não deveriam, de forma alguma, se relacionar, está cedendo lugar a uma nova visão que passa a considerar o ser humano na sua totalidade.

Uma das grandes motivações para que este novo paradigma entrasse em voga e passasse a ser respeitado no meio acadêmico e científico foi a percepção de que a visão mecanicista e cartesiana, que antes imperava absoluta como a forma mais consistente de se compreender e analisar os fenômenos, acabou levando-nos a um grande afastamento, tanto de uns dos outros, como de nós mesmos, ao egoísmo, e trouxe muitas consequências negativas para nossa vida pessoal e em sociedade. Esta visão é uma das bases por detrás de nosso sistema capitalista cego, que prioriza o ter sobre o ser, que faz com que as pessoas acreditem que só se sentirão felizes e realizadas se consumirem mais e mais, o que gera tanta sede pelo poder e todas as injustiças advindas dela. Como diz Guimarães, a felicidade prometida pelo capitalismo acabou se transformando em um pesadelo, onde temos, de um lado, a fome e falta do mínimo conforto material necessário para sobrevivência, característicos da miséria da maioria dos países do Terceiro Mundo e, de outro, a miséria psicológica, distúrbios emocionais que fazem parte de uma sociedade que endeusa tudo que for material e supérfluo, numa tentativa insana de preencher o vazio que lhe irrompe na alma.

---

<sup>2</sup> Mário Sérgio Cortella, no filme *Eu Maior*, conforme referência.

<sup>3</sup> Alguns exemplos de trabalhos: AQUINO, Verônica Urban; ZAGO, Márcia Maria Fontão. O significado das crenças religiosas para um grupo de pacientes oncológicos em reabilitação. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. São Paulo, 2007. SAVIOLI, Roque Marcos. Oração e cura – fato ou fantasia? **O mundo da saúde**. São Paulo, 2007.

Esta nova concepção de mundo reflete-se diretamente no nosso sistema de educação e uma das evidências de que há uma preocupação em adaptá-lo aos novos tempos e necessidades do homem contemporâneo são as ideias expostas pela comissão, presidida por Jacques Delors, em relatório para a UNESCO sobre educação para o século XXI, que diz:

Finalmente – e, neste caso, trata-se também de uma constatação permanente-, a tensão entre o espiritual e o material. O ser humano – muitas vezes, de forma insensível ou sem a capacidade de exprimir tal estado anímico – tem sede de ideal ou de valores a que, para evitar ferir alguém, atribuímos o qualificativo de morais. Compete à educação a nobre tarefa de suscitar em todos, segundo as tradições e as convicções de cada um, no pleno respeito do pluralismo, essa elevação do pensamento e do espírito até o universal e, inclusive, uma espécie de superação de si mesmo. O que está em jogo – e a Comissão tem plena consciência das palavras utilizadas – é a sobrevivência da humanidade. (DELORS, 1996, p.9)

A realidade em que nos encontramos agora, fruto de ações e escolhas humanas e, ao mesmo tempo, tão distante da essência de nossa humanidade, parece começar a incomodar algumas pessoas que têm procurado restabelecer este elo consigo mesmas e com o mundo. Assim como a humanidade procura por respostas a suas questões existenciais, também individualmente, os seres humanos vivem uma espécie de angústia, um sentimento de incompletude e necessidade de conexão com algo maior que nós: a força divina que transcende nossa existência mundana e nos torna, também, seres sagrados.

Segundo a Enciclopédia Britânica, entende-se por sagrado o poder, o ser que está no centro da existência e tem efeito transformador da vida e destino das pessoas. Apesar de não possuir uma forma, ele pode se manifestar de maneira concreta através de algum símbolo, ato, ideia, imagem, pessoa ou comunidade. A realidade incondicional é manifesta em forma condicionada e essa forma varia de acordo com a tradição de cada comunidade. Rudolf Otto (1985), teólogo alemão, traz o termo numinoso, para se referir ao sagrado, não o restringindo ao senso comum que o considera unicamente algo santo e bom, mas referindo-se a um sentimento impossível de ser explicado, algo que só entende quem o experiencia. Um sentimento de ser criatura, ciente de que existe algo fora de nós, mas que também está em nós. Nas palavras de Roberto Crema,

O sagrado é uma experiência vital e numinosa, que pode ser vivida no exercício da ciência, da filosofia, da arte e também no da religião, naturalmente. Enfim, trata-se do milagre devastador e atômico do Amor, a tecnologia sutil mais sofisticada de todos os universos. Penso em Teilhard de Chardin, que afirmava que, quem sabe,

depois de dominar as forças da natureza, dos furacões, dos maremotos, quem sabe a humanidade dominará as forças do Amor. Então, pela segunda vez na história, o ser humano terá inventado o fogo...(CREMA, 2007)

A busca do sagrado em si mesmo se dá, principalmente, através do processo de autoconhecimento, do despertar deste homem que se esqueceu do que era capaz, que afogou suas potencialidades criativas, sonhadoras e, porque não dizer, divinas. Diferentemente do que pregam algumas ordens, com o objetivo de manipular e dominar seus seguidores, não existe um único caminho que conduza para o sagrado, para a verdade, para o despertar. Os caminhos para essa religião são muitos e diversos e as pessoas escolhem aqueles que mais fazem sentido ou que mais harmonizam com aquilo em que acreditam. Muitas vezes, muda-se de caminho ao longo da vida, conforme a visão que se tem das coisas, do entendimento e também pelo fato de as necessidades irem modificando-se. Outras tantas vezes, a busca do autoconhecimento se dá através de vivências e experiências em diversas correntes de pensamento e crenças. Roberto Crema (2007) nos fala dos vários caminhos oferecidos pelas tradições sapienciais: o cristianismo e a contemplação, oração, o hinduísmo com as diversas yogas, o budismo com as vias meditativas, o taoísmo com a meditação ativa, entre outros.

Há, portanto, diversas formas de o homem buscar suprir essa necessidade de transcendência. E, para atingir essa transcendência, deve abrir-se livre e totalmente para um ser superior – Deus – que, “em seu amor, não se contenta apenas em dar-lhe o ser, mas deseja unir-se a ele e transformá-lo em si.”(QUOIST, 1977, p. 24)

Leone afirma que esta busca deve ser uma constante para que o homem possa humanizar-se:

A condição humana, sendo frágil, se não devidamente cultivada, pode ser perdida. O *homo sapiens* não tem essa condição como uma “coisa” ou uma essência que lhe é garantida para sempre. Ele deve cultivar sua humanidade a fim de se tornar plenamente humanizado e, assim, ir além de sua condição atual, que é a de uma humanidade possível e ainda não redimida. Isso, porém, só pode se dar na busca da essência última de seu ser. Essa essência é a Divindade que é, também, a essência última da existência. Em outras palavras, o homem precisa buscar a transcendência para poder humanizar-se plenamente. (LEONE, 2003, p.44)

Segundo Trevisol (2003), o mais alto grau de humanidade que alguém pode atingir é encontrado na figura do ser humano místico, aquele que, em sua simplicidade, atingiu, através

de suas experiências, o mais profundo e original significado do ser, aproximando-se da fonte primordial da consciência.

A consciência mística é o nível mais elevado de sutileza, compreensão e unitividade que o ser humano pode alcançar. Chega quase a superar a barreira ou a película imaginária que separa o humano do divino. É o transbordamento intenso da consciência mais pura originalmente presente no ser humano. É dom, arte, desejo, exercício e tem sua raiz na dimensão espiritual do ser humano. [...] É aquele âmbito desmaterializado da pessoa que se organiza em torno de um centro de caráter de luz, energia e motivação intensa de vida. (TREVISOL, 2003, p. 128)

A religião, assim como as experiências místicas, é uma forma de o ser humano ligar-se com as coisas do alto, com o sagrado, estando presente em muitas culturas de todo o mundo. Hoje percebemos um fenômeno que é o fato de as pessoas não mais se restringirem a uma única religião. Ao contrário disso, elas buscam elementos em várias delas para embasar suas crenças e vivências. No lugar de seguir por um caminho já traçado, um número considerável de pessoas opta por construir seus próprios caminhos, por serem elas mesmas as desbravadoras do grande mistério do qual nossa vida é constituída. Como afirma Frei Betto (2013), as pessoas parecem não se interessar mais por modelos prontos, mas, da mesma forma que fazem com a moda, escolhem, dentre uma série de ofertas, aquelas com que mais se identificam e acabam por desenvolver sua espiritualidade a seu modo, misturando elementos das mais diversas religiões, como catolicismo, budismo, candomblé, etc.

Essa capacidade e possibilidade de transitar por diferentes religiões revela um importante traço da verdadeira busca de si mesmo que é a liberdade. É muito difícil, ou até impossível, que uma pessoa possa se aprofundar em si mesma quando ela baseia sua vida e o exercício de sua espiritualidade em uma série de prescrições e regras externas. Ainda vemos muito esse tipo de situação, mas o fato de haver pessoas questionando este sistema é um indicativo de que, talvez, a humanidade esteja finalmente despertando. Isto não significa que o que é pregado por determinadas religiões sejam mentiras ou puras manipulações, mas o processo de autoconhecimento deve partir de dentro e não de fora.

Ainda dentro das religiões, uma das formas talvez mais tradicionais e conhecidas de se conectar consigo mesmo e com o poder divino é através da oração. A oração ou ato de orar está presente nas mais variadas culturas e crenças e se apresenta de diversas formas. Apesar desses variados modos de se fazer a oração, seja por meio de preces silenciosas, cantos, orações em grupo, elas têm em comum o propósito de ir ao encontro do poder divino, de

estabelecer uma comunicação, um elo com o sagrado. A oração pode acontecer no silêncio de um quarto à noite, nos templos das mais variadas religiões existentes, em meio à natureza, dentro de um ônibus lotado... Apesar de cada cultura e religião poder apresentar particularidades em relação ao protocolo da oração, o objetivo é sempre o mesmo: o encontro com Deus. Segundo Frei Betto, orar é entrar em sintonia com Deus. Há diversas maneiras de fazê-lo e nenhuma é melhor do que a outra. As orações podem ser individuais ou coletivas, espontâneas ou formuladas, cantadas ou recitadas.

Quando se pensa em oração, é comum a ideia de que ela se resume a uma série ou lista de súplicas direcionadas a Deus que as escuta em seu trono celestial para depois decidir se dirá sim ou não. Esta concepção carrega em si o entendimento de que Deus é um ser que nada tem a ver conosco, que está fora de nós e ao qual temos de nos humilhar e implorar para que sejamos atendidos. No entanto, de acordo com Lauro Trevisan (1985), esta ideia estaria equivocada, pois, segundo ele, oração não é uma declaração de pequenez diante de Deus, o que O coloca mais distante de nós, e, sim, um momento de comunhão com Ele, um momento de elevação interior.

Os motivos pelos quais rezamos são variados. Rezamos para pedir, rezamos para agradecer, rezamos porque precisamos de amparo, rezamos porque não sabemos como agir. Embora possamos ter diferentes motivações, uma questão comum é que rezamos por acreditarmos que existe algo além do mundo material que nos rodeia e somente acreditamos nisso porque possuímos a capacidade de transcender, porque sabemos que existe uma realidade invisível aos nossos olhos, mas que pode ser percebida de outras maneiras.

A oração é nossa forma de comunicação com o sagrado, com o sopro que gera a vida. O fato de se tratar de uma comunicação não significa que precisamos falar durante a oração, ou mesmo organizar nossos pensamentos de forma que Deus possa ser capaz de compreendê-los. Numa concepção mais abrangente e universal de oração, não necessariamente ligada a nenhuma religião específica, orar não é voltar-se para fora, mas, sim, para dentro. “Parar diante de Deus é parar diante de si mesmo. Como num espelho, ao orar vemos nosso verdadeiro perfil.” (BETTO, 2013, p.23). Isto significa que mais que um apelo a uma força externa, a oração é um momento de reconhecimento da nossa força interna, do sagrado que habita em cada um de nós.

Vivemos em um mundo onde somos constantemente bombardeados por apelos exteriores. O avanço das telecomunicações faz com que, em razão de poucos minutos, fiquemos a par de acontecimentos do outro lado do mundo. As redes sociais nos possibilitam expor nossas vidas e saber da dos outros, fazendo com que estejamos sempre focados para

fora de nós. Também parecemos estar muito mais preocupados em fazer propaganda das nossas vidas para mostrar aos outros, do que em viver nossas vidas, para enriquecermos nossa experiência humana. Não paramos mais para assistir a um show e prestar atenção nas sensações e sentimentos que ele nos desperta. O que acontece é que optamos por registrar tudo em nossas câmeras digitais e celulares, perdendo a oportunidade de vivenciar um momento que jamais voltará a acontecer. Toda esta exteriorização das nossas experiências, o ritmo frenético em que vivemos e a sede consumista por adquirir sempre mais fizeram com que nos tornássemos cegos e surdos das nossas potencialidades, pois nunca paramos para nos ouvir. Portanto, o papel da oração é justamente colocar o homem em contato consigo mesmo, tentar, por um momento, anular todas as distrações que o levam para longe de si mesmo. Para conseguir entrar neste estado de escuta interior, é necessário que nos coloquemos em um estado meditativo, no qual o silêncio é peça fundamental. Frei Betto diz que “o silêncio é a matéria-prima do amor e da oração” (BETTO, 2013, p. 25). E não se trata somente do raro silêncio exterior, mas, sim, e principalmente, do silêncio interior, resultado de um descanso físico e mental, do controle das ansiedades, da concentração, de “deixar-se habitar pelo Espírito.”

Se não conseguimos entrar neste estado de quietude externa e, principalmente, interna, se não nos desapegamos de nossos pensamentos, nossas preocupações e aflições, não temos como entrar em comunhão com o sagrado. Urbano Zilles comenta sobre a importância deste silêncio.

Do silêncio brotam as aspirações interiores e nele se pode saborear a experiência da vida divina. No silêncio escutamos o essencial. Quanto mais a alma recebeu no silêncio, tanto mais realizará a ação. Diz um provérbio chinês: ‘O silêncio é um amigo que nunca trai’. Infeliz é o homem que desconhece a vida do silêncio. O silêncio é necessidade para o homem. Quem se dá e nunca se reabastece, acaba vazio. Não basta ser canal; é preciso ser também reservatório. Aquele que não sabe colocar zonas de silêncio na vida, não tarda em viver na superfície. Deus fala-nos no silêncio! Ele gosta de falar baixo. Se quisermos ouvi-lo prestemos atenção. Preocupados com nossas perguntas, muitas vezes não escutamos suas respostas. (ZILLES, 2006, p. 141)

O silêncio é essencial, portanto, não somente para que possamos escutar aquilo que vem de dentro, mas também como forma de reabastecimento interior, como forma de tornarmos mais profunda nossa existência. Não é raro pessoas que temem o silêncio, que não suportam estarem sozinhas sem ligarem o rádio ou a televisão. Provavelmente o que elas

temem é o confronto consigo mesmas, e com uma realidade que talvez não as agrade. O fato é que, se as pessoas não se derem esta oportunidade, se passarem a vida buscando distrações, como uma fuga delas mesmas, jamais terão a oportunidade de verdadeiramente se conhecer e sua experiência será superficial.

No entanto, por mais que saibamos da importância deste silenciar, não se trata de uma tarefa fácil. Por todos os motivos já expostos e por termos cada vez menos tempo para cumprir com todas as demandas da vida moderna, somente a ideia de parar por uns instantes sem fazer nada já nos deixa angustiados, o que dificulta muito que consigamos atingir um estado de quietude interior.

Uma maneira de atingirmos esse estado, é valer-nos de práticas que utilizem o corpo como forma de aquietar a mente, pois, ao colocarmos nossa atenção no movimento, deixamos de pensar em outras coisas e, então, alcançamos o silêncio necessário para esta conexão com o sagrado. Ao falarmos em espiritualidade, grande parte das pessoas supõe que devemos nos manter parados, pois é o espírito que deve agir. Porém, não podemos desconsiderar que o corpo é parte essencial de nossa humanidade e, se aqui estamos nesta condição, é porque devemos reconhecer sua importância e não ignorá-la.

O ser humano bem construído o é em três planos: o físico, o sensível e o espiritual. Esses três planos se interpenetram, comunicam-se, reagem uns sobre os outros. Michel Quoist (1977) afirma que o homem equilibrado “é aquele cujo espírito, inteiramente livre, comanda a sensibilidade e o corpo”. Como diz Bernhard Wosien,

Usualmente, a oração é designada como a via de comunicação da alma humana com Deus. Injustamente, pois na oração, tanto a alma quanto o corpo participam. Uma oração puramente espiritual é adequada aos anjos, mas não às pessoas, com sua natureza espírito-corporal. As formas corporais correspondentes às rezas interiores que pertencem à oração humana. (WOSIEN, 2006, p.27)

Wosien reforça a ideia de que precisamos utilizar nossa totalidade do ser ao orarmos, e isso inclui nosso corpo. Há uma série de práticas que associam um estado meditativo com o movimento corporal, como Yoga e Tai Chi Chuan. Também a dança é uma das formas mais antigas de adoração e conexão com o sagrado. Em muitas tradições, percebe-se o papel fundamental da dança nos momentos de elevação espiritual. Isto é percebido entre os povos nativos, entre os hinduístas, os judeus e muitos outros. Além disso, conta-se que grandes figuras e mestres espirituais tinham o hábito de dançar em louvor ao Ser supremo. Segundo

Wosien (2002), São Francisco de Assis e até mesmo Jesus dançava com seus discípulos, como é relatado por São João, nas Cartas Apócrifas do novo testamento.

Após esta ideia sobre o que entendemos por oração dentro deste estudo, o próximo capítulo falará do potencial da dança como forma de transcendência da nossa condição.

### 3. DANÇA: TEMPLO EM MOVIMENTO

- E como vocês louvam a Ele então? – insistiu o abade.
- Dançando – respondeu o dervixe mais ancião, com a longa barba branca.
- Dançando? perguntou o abade – por quê?
- Porque a dança apaga o ego – explicou o ancião dervixe – e quando o ego está apagado não tem mais nenhum impedimento para juntar-se a Deus. (WOSIEN, 2002, p. 13)

No princípio, todos nós dançávamos, é o que diz Gabriele Roth, em sua obra *Os Ritmos da Alma*, que fala sobre a tendência inata dos seres humanos para o ritmo e para o movimento. De fato, segundo historiadores, a dança faz parte das interações humanas há muito tempo. Mesmo antes de o homem desenvolver uma comunicação verbal, ele já se sentia atraído pela possibilidade de se mover guiado pelas batidas de um tambor ou pelos sons da própria natureza. Barbara Ehrenreich (2010), falando sobre esta antiga presença da dança na vida humana e sobre os registros que a confirmam, diz que a dança era uma das formas mais frequentes de os artistas pré-históricos representarem situações de interação humana nos períodos Neolítico e Calcolítico. O momento em que estes rituais de dança começaram não é conhecido, mas indícios apontam que eles possam ser remetidos até a era Paleolítica, a conhecida Idade da Pedra.

O fato de a dança aparecer tanto nos registros rupestres pode ser um indicativo da sua importância, o que a levou a ser escolhida para simbolizar os momentos de interações das sociedades pré-históricas. O porquê de elas dançarem é uma questão difícil de esclarecer com exatidão, mas a hipótese mais aceita por historiadores da dança, como Paul Boucier, advinda da observação de fatos menos remotos, é o de que eles dançavam como forma de adoração ou comunicação com um poder divino. Portanto, não é somente antiga a relação do homem com a dança, mas também, a relação da dança com momentos de elevação espiritual, como forma de transcender a realidade de nossa vida material. Mônica Dantas, citando Sachs em seu livro, *O enigma do movimento*, diz que:

A anterioridade da dança em relação às outras artes é uma anterioridade também histórica, que trata da evolução do homem, das suas relações com a natureza e com a religião. A dança é mais do que arte, pois é atividade que reúne alma e corpo e permite uma relação direta com o sagrado, com o outro mundo, com o reino dos demônios, dos espíritos e de Deus, ao mesmo tempo em que pontua a vida em sociedade, ao menos em relação aos povos ditos primitivos e às civilizações da antiguidade. Contudo, mesmo as civilizações e culturas mais evoluídas, ressalta o

autor, conservam a concepção de que a dança é todo o movimento que transcende em sua natureza a ordem mundana e humana. (DANTAS, 1999, p.22)

O autor, portanto, confirma o fato de a dança datar de um tempo bastante remoto, antes das civilizações e, além disso, destaca também o fato de ser uma atividade que permite ao homem transcender sua condição mundana e estabelecer um contato com um poder superior

No entanto, não precisamos ir tão longe para entender o poder da dança de nos transportar para um estado diferente do usual. Basta que nos perguntemos qual a sensação que a dança nos traz, por que associamos festa, momentos de celebração, com a presença da dança. Ela tem a capacidade de nos deixar mais felizes, de fazer-nos vibrar numa frequência mais elevada; a dança nos coloca num estado de entusiasmo, que, do grego, significa, *en* (dentro) + *theos* (deus), ou seja, significa ter Deus dentro de si, estar em um estado de comunhão com o divino.

Esse apelo da dança fala tanto à nossa condição humana que é difícil nos mantermos impassíveis a ela. Mesmo se, por algum motivo, não tivermos condições de dançar, ao presenciarmos alguém dançando, acabamos nos envolvendo de alguma maneira. Ehrenreich fala desse caráter contagioso da dança. Diz que as pessoas sentem desejos, impulsos muito fortes de sincronizarem seus corpos com os dos outros. Fala ainda que, de acordo com o relatório de pesquisa de um psiquiatra, “O estímulo pode ‘conduzir ritmos corticais até produzir uma experiência intensamente prazerosa e infável nos humanos’.” (EHRENREICH, 2010, p.38)

Certamente, esta característica da dança é o que justifica sua presença nas mais diversas culturas, desde os primórdios da vida em sociedade. E esta presença em culturas tão diferentes e distantes, sem que essas tenham tido qualquer contato, é um indício do quão inata é a dança para os seres humanos. Nas palavras de Gabrielle Roth: “A energia move-se em ondas. Ondas movem-se em padrões. Padrões movem-se em ritmos. Um ser humano é apenas isso, energia, ondas, padrões, ritmos. Nada mais. Nada menos. Uma dança.” (ROTH, 1997, p. 26). Por esta perspectiva, temos que a dança é algo natural do ser humano. Por mais que exista uma infinidade de tipos de dança, de técnicas das mais complexas às mais simples, o anseio pelo movimento é apenas uma manifestação física daquilo que somos.

Para o místico Rumi, a dança não é somente uma característica humana, mas está presente em toda a criação, pois tudo no universo segue um ritmo, um fluxo, tudo é movimento. Como diz Gabriele Wosien

Para Jalal Al-din, a criação é dança: a abelha dança ao redor do néctar, o pequeno grão de poeira dança na luz do sol, o coração do místico buscador de Deus dança no fogo da “recordação de Deus” e o arcanjo Gabriel dança por amor à beleza de Deus. ‘Quem conhece o poder da dança vive em Deus’, diz Rumi. Na dança é possível a união de todos os mundos ou de todas as dimensões da existência, pois ‘um pequeno ramo de dança celeste abrange todas as danças aqui na terra. (WOSIEN, 2002, p.57)

Esta visão de que, na existência, tudo dança, justifica a ideia de que, ao dançar, os seres humanos entram em harmonia com a dinâmica do universo, e por estarem, por assim dizer, operando no mesmo modo que ele, abrem a possibilidade de conexão com o todo do qual fazem parte. Este seria um dos motivos pelos quais a dança constitui um meio para o divino, uma forma de oração. Bernhard Wosien salienta como a dança era presente no início do cristianismo, acompanhando atividades sagradas e fazendo parte dos rituais cristãos, principalmente batizados e casamentos. Diz, ainda, que essa origem num culto é nitidamente percebida nas danças preservadas na Grécia, onde “a dança não é apenas um meio de encontrar-se a si mesmo, mas também de encontrar-se com a comunidade.” (WOSIEN, 2000, p.43)

Portanto, outro caráter importante da dança é o de ela ser uma forma de conexão entre as pessoas. Além de possibilitar um encontro da pessoa com ela mesma, ela possibilita um encontro com o outro. Este caráter socializador da dança esteve presente, provavelmente, desde seus primórdios, no qual a vida em grupo era essencial para a sobrevivência, e se perpetua até os dias de hoje, modificando-se conforme as necessidades de cada tempo. Numa época menos longínqua, a dança tinha um papel fundamental no cortejo, por exemplo, pois era o único momento em que jovens solteiros podiam ter uma aproximação, conversar e se tocar, sem a supervisão acirrada de seus familiares. Nos dias de hoje, a dança continua tendo uma importância neste contexto, mas já não representa um aspecto tão essencial. Ehrenreich cita antropólogos, como Robin Dunbar, que consideram ‘a dança grupal a grande niveladora e conectora das comunidades humanas’. Afirmam que a entrega corporal à música através da dança faz com que a pessoa seja incorporada em uma comunidade de uma forma muito mais profunda do que os mitos ou costumes podem atingir. Ainda destacam o fato de que, na dança, possíveis rivalidades que possam existir se diluem no objetivo comum de dançar.

Aqui, o aspecto ressaltado é o de como a dança grupal é capaz de envolver quem dela participa e, por um momento, estabelecer uma relação de igualdade entre todos, principalmente nas danças de roda. O fato de estar realizando um movimento em harmonia com outras pessoas tem a capacidade de nos colocar em um outro estado, em uma zona de pertencimento a uma ordem maior e, também, de não-hierarquia, onde todos, unidos pelo

mesmo propósito, têm o mesmo valor. Barbara Ehrenreich traz o depoimento de um historiador, William H. McNeill, falando sobre sua satisfação ao participar de uma atividade grupal sincronizada. Segundo ele, não há palavras para descrever a emoção que sentia naquele treinamento. Em suas palavras, tratava-se de “um sentimento de bem-estar intenso [...]; mais especificamente, era uma estranha sensação de engrandecimento pessoal, algo como um inchaço próprio, tornando-se maior que a própria vida, graças à participação em um ritual coletivo.” (EHRENREICH, 2010, p. 38)

A dança já traz em si um potencial de engrandecimento de nossa condição terrena, de uma ascensão de nosso espírito, mas, coletivamente, esse potencial é aumentado, pois a vibração de uma experiência vivida em grupo é mais forte do que a de uma experiência individual. Nos últimos tempos, a procura por este tipo de vivência tem aumentado, talvez pela percepção de que estamos cada vez mais afastados e por um clamor primitivo para que nos reaproximemos daquilo que nos torna humanos. Segundo Gabrielle Roth, nos últimos anos as pessoas estão se voltando novamente para a dança, e estão interessadas não mais em dançar sozinhas, mas em dançar junto. Ela acredita que isso revela um anseio de união não somente entre corpo e espírito, mas união de homens e mulheres com as mais diversas convicções. Em suas palavras, “O instinto nos atraiu de volta para o ritmo, de volta para o corpo, a fim de começar a esclarecer a nossa confusão. [...] Quando seu corpo se rende ao movimento, sua alma se lembra de sua dança.” (ROTH, 1997, p.33)

Como já foi dito, a dança teve um papel crucial nas práticas religiosas desde seu surgimento, dando ao corpo uma importância tão grande quanto à da mente e do espírito. Essa realidade se repetia em muitas culturas e, até mesmo entre os cristãos, a dança fazia parte dos ritos de adoração e comunhão entre os integrantes de uma comunidade e com Deus. A partir do Renascimento, estas práticas foram sendo banidas da Igreja e, na sociedade ocidental, houve uma ruptura entre o que era sagrado e profano, divino e mundano, atribuindo à mente e ao espírito uma qualidade superior à do corpo, que passou a representar as coisas terrenas, materiais, passageiras e, portanto, de menor valor. Nesta nova perspectiva, o corpo não tinha mais a mesma posição que antes e passou a ser menosprezado e ignorado na vivência da espiritualidade. Roth afirma que: “Foi um acontecimento trágico na história da civilização ocidental. Nesse divórcio entre o espírito e a carne, perdemos o respeito pelo corpo e, finalmente, esquecemo-nos de que ele era uma parte da nossa santidade.” (ROTH, 1997, p. 29)

Felizmente, vive-se, agora, um tempo em que se busca o caminho de volta, de volta ao corpo, de volta às raízes, de volta a si mesmo. Muitas práticas conservaram a preocupação de manter corpo e espírito em equilíbrio; algumas falam em corpo, mente e espírito, utilizando a respiração como forma de controlar o movimento e a mente, e têm sido muito procuradas como forma de manter uma saúde física e espiritual em meio ao caos em que vivemos. A dança, porém, apesar de sua forte relação com esses aspectos, acabou perdendo, ao menos popularmente, seu espaço como prática de autoconhecimento e contato com o sagrado. Provavelmente, isso se tenha dado pelo processo de refinamento e especialização técnica que ela sofreu como forma artística. Processo que deslocou o foco da dança de dentro para fora do indivíduo. Ela tornou-se algo a ser apreciado por um público e executado por profissionais de notada habilidade na técnica.

Claro que as danças populares se mantiveram fortes em suas culturas, e, em contextos variados, pessoas que não são bailarinos profissionais também dançam para celebrar ou se divertir, mas há uma ideia de que a dança mesmo é somente para alguns, o que vai de encontro à noção de que ela é fruto de um dos ímpetos mais primitivamente humanos, além de restringir toda uma diversidade a poucas técnicas que foram desenvolvidas para serem apreciadas pelos outros.

Não há mal no fato de a dança ter-se refinado como forma artística, mas essa característica não deve desprezar o fato de que ela sempre esteve presente na vida das pessoas. Em diferentes lugares, sociedades que jamais tiveram qualquer contato dançaram nos momentos mais sagrados e importantes de suas vidas. O fato de o homem ter essa tendência para a dança pode ser um indício de que ela faz parte do que Jung chama de inconsciente coletivo, que se trata de uma sabedoria anterior, primitiva, compartilhada inconscientemente por todas as pessoas, independente de suas experiências individuais. Este inconsciente coletivo carrega traços de nossa humanidade, potenciais de comportamento de todos os indivíduos e, também, pode revelar alguns símbolos cujas mensagens transcendem as barreiras socioculturais entre os povos. É como se, inconscientemente, estivéssemos todos conectados e as experiências da humanidade, ao longo de milhares de anos de existência, fossem se acumulando neste oceano que abarca toda a nossa potencialidade de ser.<sup>4</sup>

As danças que mais diretamente apresentam relação com este conhecimento primeiro são aquelas que fazem parte de rituais e são encontradas em diferentes tradições. Rituais são

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do vídeo com a palestra: Our connection to something bigger: the archetypes of CG Jung, conforme referência.

cerimônias que representam simbolicamente mitos ou aspectos da crença de um determinado povo. Como fala Littlebird,

O ritual, ao lidar com a própria vida, é um processo que serve para unir humanos com outros humanos, bem como humanos com não-humanos, o mundo revelado com o velado, o visível com o invisível. Assim, os rituais são mecanismos através dos quais as pessoas se engajam com os aspectos espirituais e metafísicos da vida. (LITTLEBIRD, 2008, p.3)

Assim sendo, rituais são caminhos que as pessoas encontram de se aproximar a realidades superiores e também constituem uma forma de oração. As danças nestes rituais são carregadas de simbologias que, como aponta Jung, podem se apresentar através de uma pessoa, um objeto, lugar ou situação que representem algo além de si mesmos e não são arbitrários, ou seja, não são produtos de uma cultura, mas parte do inconsciente coletivo. Mircea Eliade reforça essa ideia ao afirmar que os símbolos constituem uma característica humana:

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Por isso, seu estudo nos permite melhor conhecer o homem, ‘o homem simplesmente’ aquele que ainda não se compôs com as condições da história. (ELIADE, 1991, p. 8)

Eliade também fala sobre o inconsciente e os conteúdos que ali habitam:

Pois o inconsciente não é unicamente assombrado por monstros: ele é também a morada dos deuses, das deusas, dos heróis, das fadas; aliás, os monstros do inconsciente também são mitológicos, uma vez que continuam a preencher as mesmas funções que tiveram em todas as mitologias: em última análise, ajudar o homem a libertar-se, aperfeiçoar sua iniciação. (ELIADE, 1991, p. 10)

Em seu artigo, Littlebird explica brevemente sobre algumas características da dança de seu povo, bem como sobre os símbolos presentes na dança. Diz que cada elemento da dança tem várias camadas de significado e que os símbolos presentes na dança de seu povo são

fenômenos ou imagens relacionadas a aspectos da vida do povo, como caça, agricultura, etc. Outra característica descrita por ela é a do clima que impera nestes rituais. Segundo ela, trata-se de um clima de concentração e introspecção. Também destaca o fato de que o mais impressionante nas danças não são os passos ou a coreografia e, sim, a repetição e o ritmo que os caracteriza. Afirma, inclusive, ser justamente essa continuidade e marcação rítmica a responsável pela “transformação espiritual dos participantes da dança”.

Existe uma barreira em relação àquilo que nossa capacidade física e nosso consciente podem suportar. Ao ultrapassarmos essa linha, obrigatoriamente temos de utilizar uma outra fonte de energia para que não sucumbamos. Essa energia transcende nossa materialidade, poderia ser o que chamamos de divino, de fonte da vida. É o momento em que nosso ego é apagado, o inconsciente liberado e eis aí nosso contato com o divino.

Neste contexto, a dança não é vista como algo separado do resto da existência, mas, sim, como um elemento através do qual nossa divindade é acessada e, para podermos alcançar este estado de comunhão com o divino, é preciso que nossa mente esteja livre para isso, esteja esvaziada das distrações de nossa vida mundana; é preciso que estejamos em um estado meditativo. Como já vimos anteriormente, a meditação é um estado de quietude interna que possibilita uma ampliação da nossa escuta interior. A busca por este estado é um exercício constante, e a dança é um dos caminhos possíveis para se chegar até ele. Segundo Bernhard Wosien,

O objeto da meditação é, para o bailarino, o seu corpo. Este é para ele, ao mesmo tempo, templo, moradia e instrumento. Durante o exercício, durante a dança, ele deve apropriar-se inteiramente dele, preencher todos os seus recantos. O colloquium internum leva a si mesmo, assim como a fusão com o objeto: calor, circulação e suor produzem um despertar interior, flexibilidade e solução. A inspiração e a expiração são mais profundas, a tensão e o relaxamento são mais intensos, a correção do equilíbrio interno e externo é repetidamente treinada. O aumento do suor leva a uma eliminação de resíduos. No todo, este processo é, a cada vez, um passo para a autodescoberta. (WOSIEN, 2000, p.28)

O que ocorre, a princípio, na dança, não é um esvaziamento da mente, mas um direcionamento inicial da atenção para a execução do movimento. A concentração exigida para efetuar o movimento da dança, controlar os passos, a respiração, obedecer ao ritmo, tudo isso ajuda os indivíduos a limparem suas mentes de outros pensamentos que poderiam impedir o estado meditativo; e a repetição contínua do movimento faz com que ele, após um certo tempo, se torne automático e possibilite um desligamento do nosso lado mais racional, permitindo,

assim, um estado elevado de consciência. Gabriele Wosien explica que a dança é um treinamento de nossa consciência que trabalha com o equilíbrio, não somente do corpo físico, mas um equilíbrio entre todos os planos que compõem a totalidade humana. Ao longo das etapas do treinamento na dança, aprimoram-se a percepção do espaço, através de conceitos como forma, linha. O tempo é trabalhado pela percepção rítmica e a memória para a sequência dos movimentos. Uma vez desenvolvidas todas estas habilidades, tudo isso torna-se automático, de forma que

O intelecto fixado é suspenso e a consciência presa no corpo libertada, pois na dança a soberania do pensamento analítico deve ser sacrificada: pela interação das energias inspiradoras e conteúdos de movimento de totalidade, cada posição fixa se funde. Na concentração total, no equilíbrio do corpo e do espírito, desperta-se no dançarino uma clareza e uma sensibilidade intensificadas. (WOSIEN, 2002, p.65)

Neste capítulo, vimos o quão relacionada a dança sempre esteve à espiritualidade e como o autoconhecimento e a ampliação da escuta interior é uma das tantas possibilidades que a dança nos oferece. No entanto, da mesma forma que um bailarino clássico deve treinar para aprimorar sua técnica, também a dança como meditação e oração deve ser exercitada continuamente para que possa atingir seu objetivo. No próximo capítulo, focaremos no movimento do giro, em três diferentes contextos, como forma de oração e contato com o sagrado.

#### 4 . MOVIMENTO SAGRADO

Tu, que o mundo moves,  
moves tu também a mim,  
tu me agarras fundo e  
me elevas, alto, para ti.

Eu danço uma canção do silêncio,  
segundo uma música cósmica  
e ponho o meu pé na borda dos céus  
e sinto como teu sorriso me faz feliz. (WOSIEN, 2000, p.88)

Movimentos de giro ou em formas circulares estão presentes em uma série de danças de diversos povos e tradições, que têm como um dos objetivos estabelecer uma conexão com o sagrado, com a força que nos dá a vida. A presença tão significativa desses giros nos indica que deve haver, neste tipo de movimento, algum potencial ou símbolo que nos remeta para algo além de nós mesmos e que nos leve a um estado de transcendência de nossa condição física.

Para entendermos este potencial das formas circulares, devemos nos voltar não somente para sua presença na dança, mas em diferentes contextos da existência. Nossa vida está repleta de círculos em todos os aspectos. Como diz Gabriele Wosien, citando trecho de um ensinamento indígena:

Tudo o que a energia do universo realiza completa-se em um círculo. O céu é redondo e eu escutei que a terra é redonda como uma bola e assim também são as estrelas...O vento, em sua imensa força, faz redemoinhos. Pássaros constroem ninhos redondos, pois eles têm a mesma religião que nós. O sol ascende em um círculo. O mesmo faz a lua e ambos são redondos. (WOSIEN, 2002, p.16)

Com alguns poucos exemplos, podemos constatar o quão circular é a natureza e que o fato de as coisas todas girarem parece ser uma lei universal, à qual estamos todos submetidos, desde a mais ínfima criatura até o mais grandioso astro de que temos conhecimento. Como aponta ainda Gabriele Wosien:

Os trancursos do movimento dinâmico incessante, mantido na calma do gigantesco espaço cósmico, são hoje, a nossos olhos, tão perceptíveis quanto a estrutura das células e do átomo. As formas extremamente polarizadas de aparição do imensamente grande e do infinitamente pequeno, baseiam sua existência nas mesmas leis. O extraordinariamente grande demonstra a existência de uma força que almeja uma unidade, contudo também as pequenas coisas mostram a sua grandeza em padrões básicos harmônicos, equilibrados e totais, em formas circulares e

espirais, como a estrutura do núcleo das células sanguíneas, o esquema das moléculas de DNA, espelhando as regularidades cósmicas que se orientam em torno de um ponto central. O círculo da atuação divina varre todo o espaço, mas Deus é também o mundo e assim é também a ideia imaginada do mundo como manifestação e símbolo do espírito, básica para as danças religiosas. (WOSIEN, 2002, p.17)

Como numa dança cósmica, percebemos, então, que toda a vida parece andar num girar constante, desde os planetas que compõem nosso sistema solar, girando em torno do sol, até as menores estruturas que compõem os seres vivos e toda matéria.

Percebendo esta característica dos fenômenos da natureza, o homem tem utilizado o círculo como manifestação simbólica desta realidade suprema, desde que temos conhecimento, nas artes, nas danças e até mesmo na divisão temporal, em que se estabeleceram ciclos para tudo. Joseph Campbell, quando indagado sobre o fato de o círculo ser uma das grandes imagens primordiais da humanidade, diz que:

O mundo todo é um círculo. Todas as imagens circulares refletem a psique, de modo que há uma relação entre essa forma geométrica e a real estruturação de nossas funções espirituais. [...] O círculo, por outro lado, representa a totalidade. Tudo dentro do círculo é uma coisa só, circundada e limitada. Esse seria o aspecto espacial. Mas o aspecto temporal do círculo é que você parte, vai a algum lugar e sempre retorna. Deus é o alfa e o ômega, o princípio e o fim. O círculo sugere imediatamente uma totalidade completa, quer no tempo, quer no espaço. (CAMPBELL, 2011, p. 224)

O círculo, então, constitui-se num espaço sagrado, que remete a essa lei superior, simbolizando a totalidade e o movimento natural da vida, que se dá em ciclos. O movimento dos planetas ao redor do sol, da lua ao redor da Terra, as estações do ano, tudo isso se movimenta continuamente de maneira circular ao redor de um eixo fixo.

A importância do círculo vem acompanhada por uma outra imagem bastante significativa dentro das mitologias e religiões do mundo e, de certa forma, dependente do círculo, que é a ideia de centro. Segundo Mircea Eliade (2010), muitos mitos e crenças religiosas apresentam a ideia do centro do mundo, que seria um local de conexão entre os três níveis cósmicos - Céu, Terra e regiões inferiores. Neste lugar, é possível uma comunicação entre estes planos. Frequentemente, ele é representado por um coluna cujas bases estão nas regiões inferiores, ou Inferno, e vai até o Céu, tendo toda a totalidade da existência girando em torno desta coluna. A representação deste eixo do mundo depende de cada crença, mas é comumente uma montanha ou algum templo. O centro do mundo, então, depende de cada

cultura e pode ser representado simbolicamente pelas tradições. Joseph Campbell fala que o “centro do mundo é o *axis mundi* (eixo do mundo), o ponto central, o pólo ao redor do qual as coisas giram. O ponto central do mundo é o ponto em que o repouso e o movimento se encontram. Movimento é tempo, mas repouso é eternidade.” (CAMPBELL, 2011, p. 224)

Além da simbologia geográfica em relação ao centro do mundo como local sagrado de conexão, o giro também apresenta esta característica de unir movimento e repouso, ideias a princípio contrárias, mas que são essências para que o giro aconteça. Se não há um ponto fixo, não existe um eixo em torno do qual girar, e se não há movimento, não existe giro. Campbell ainda traz a analogia de o movimento significar o tempo, que nunca para, enquanto o repouso seria a eternidade, pois lá não há tempo. Também poderíamos associar movimento ao barulho e o repouso ao silêncio.

Na dança do Pueblo, povo nativo norte-americano, também há a presença de formas circulares em torno do centro sagrado. A reverência ao centro é parte essencial da dança ritual deste povo, pois é dele que tudo surge e é para ele que tudo tornará. Como aponta Littlebird,

Os padrões espaciais da dança também têm significado. Reverência ao centro, reconhecimento das quatro direções e círculos são elementos essenciais em qualquer cerimônia Puebloan. O centro é sagrado por duas razões: é o lugar do qual tudo é derivado e é o lugar onde tudo é reunido, o derradeiro local de encontro...(LITTLEBIRD, 2008, p.7)

Como dissemos anteriormente, muitas tradições utilizam o giro em suas danças, provavelmente como forma simbólica de representar essa lei cósmica a que estamos submetidos e despertar, através dele, algum estado de conexão com o sagrado, individual ou coletivamente. A seguir, faremos uma breve análise de três exemplos de tradições que utilizam o giro, ou movimento circular, como forma de oração.

#### 4.1 GIRO SUFI

O giro sufi é uma dança meditativa que integra o ritual do Sama, desenvolvido por Rumi em sua Ordem Sufi Mevlevi, e está inserido no Sufismo, que é a via mística do Islamismo. Segundo Camargo, as ordens sufis são confrarias místicas e intelectuais muito

antigas e podem ter dado origem a outras irmandades, como Rosa-Cruz, Maçonaria, etc. Em alguns países mais extremistas, as ordens foram banidas por serem julgadas inadequadas e vistas como perigosas associações reacionárias.

Os sufis pregam um Deus amoroso e bondoso e fazem uma série de práticas para aprofundarem sua espiritualidade e atingirem um estado de comunhão com Deus, através de um maior autoconhecimento. Apesar de ter sido criado dentro do sufismo e, em função disso, utilizar no ritual um vocabulário proveniente do Islmamismo, o giro alcançou um grau de universalidade e, portanto, para praticá-lo, a pessoa não precisa ser do Islamismo ou de nenhuma outra religião específica. Qualquer pessoa, com ou sem algum credo religioso, pode praticar o giro, desde que acredite nele e respeite o cerimonial.

Rumi foi um mestre espiritual, conhecido como o maior poeta místico do Islamismo, que viveu no século XIII. A maioria de seus ensinamentos foram passados através de sua poesia que abarca os temas mais diversos da vida e tem relação direta com a dança, com muitos poemas tendo sido criados enquanto ele girava. Grande parte de sua inspiração e, há quem diga, até mesmo a criação do giro, veio do encontro dele com Shamsuddin de Tabriz, outro mestre sufi com o qual teve uma profunda e intensa relação, até seu polêmico desaparecimento. Uma das versões sobre o momento em que nasceu a prática do giro, segundo Gabriele Wosien, diz que

Por volta de 1250, no bazar, os moradores de Konya puderam assistir a uma cena curiosa . Jalal al-din tinha percorrido a rua dos ourives, de onde ao seu ouvido tinha chegado o incessante martelar metálico dos artesãos. De repente, abriu os braços e começou a girar sempre mais rápido, sempre mais rápido. Depois chamou o ourives Salah al-din, seu velho amigo, pedindo que saísse da oficina e envolveu-o naquela dança de giro, estimulado pelo rítmico martelar sobre o metal: nascia assim a ideia da dança dervixe. (WOSIEN, 2002, p. 52)

O sama é o ritual de meditação e oração em que se dá o giro. Ele acontece obedecendo a uma ordem e um protocolo ritualístico que deve ser respeitado. Há momentos de escuta das músicas e orações e quatro sessões de giro, cada uma tendo um significado. O ritual é o ápice da prática do giro, mas ele pode ser executado em outros momentos, sempre respeitando as simbologias.

O objetivo maior do giro é que se entre em comunhão com o Bem-Amado, com o sopro de vida, do qual fomos arrancados. Trata-se de uma oração em movimento, pois, para

os sufis, corpo e espírito não devem ser dissociados. Colocando-nos em harmonia com o movimento do universo, tornamo-nos mais sensíveis à energia divina. Segundo Camargo,

Do ponto de vista sufi, a experiência física e a experiência espiritual não são antagônicas: uma deve ser o reflexo da outra e ambas devem se sustentar mutuamente. O fato de a dança fazer parte do imenso acervo de técnicas meditativas usadas pelos dervixes não é casual: a dança é uma espécie de ‘mecanismo gatilho’ para se atingir outros níveis de percepção e comunhão com o ‘divino’. É pela dança que se mergulha no movimento universal, integra-se harmoniosamente nele e se alcança a consciência desse movimento. (CAMARGO, 2002, p.25)

Para girar, utiliza-se uma técnica com o objetivo de fixar o centro do próprio corpo. O pé esquerdo mantém-se apoiado inteiramente no chão, servindo como eixo ao redor do qual o corpo irá girar. A perna direita é a que se move, na chamada ‘grande jornada’, ao redor da esquerda, num contínuo cruzar e descruzar, abrir e fechar. O rosto volta-se levemente para a esquerda, como se quiséssemos ver por detrás do ombro, como se tentássemos ouvir a voz do amado, e o corpo todo segue este fluxo num giro espiralado com a intenção de subir e descer. Os olhos devem manter-se abertos, mas não exageradamente. Eles conduzem o movimento da cabeça, enquanto permanecem num estado intermediário entre fechados e abertos. Além do movimento, a respiração também obedece a um ritmo: inspira-se quando a perna direita faz a jornada e expira-se enquanto giramos com os dois pés no chão. No início do aprendizado, gira-se com os braços cruzados à frente do peito, o direito sobre o esquerdo, como se estivéssemos abraçando nosso próprio coração. Depois de dominar o movimento das pernas e conseguir sincronizá-lo à respiração, passa-se para a posição de braços abertos com a mão direita voltada para cima e a esquerda voltada para baixo, constituindo-se num canal, ou ponte, do que vem do Céu e chega na Terra, como explica Wosien.

Para aprender o movimento giratório, experimenta-o muitas vezes, até que consiga instaurar um claro ritmo ordenado entre abrir e fechar, dar e receber, descer e subir, ou melhor, uma espiral que vai para cima e para baixo ao longo do eixo central do corpo. Depois junta-se a posição dos braços, que simboliza o homem como ponte entre céu e terra, que recebe do alto e distribui para baixo: só um canal, que nada pede para si mesmo. Por fim, aprende a girar sobre seu próprio eixo, mas também movendo-se no espaço ao longo da circunferência de um círculo em sentido anti-horário. E só quando aprendeu tudo isso, pode ser iniciado no rito. (WOSIEN, 2002, p.72)

Ainda conforme Gabriele Wosien, o giro não se dá somente ao redor do próprio eixo, mas também em todo o espaço, imitando o movimento de rotação e translação dos planetas ao redor do Sol e, de certa forma, unindo-se a ele. É tal como se os giradores se tornassem, também, corpos celestes, movimentando-se pelo universo.

A dança do semâ é símbolo do vir-a-ser do mundo a partir da origem unitária de Deus e é uma representação do princípio espiritual que religa o místico com a própria origem. Além disso, interpreta metaforicamente o rodar dos planetas ao redor do criador. Girando em sentido anti-horário, ou seja, na mesma direção de rotação da Terra no próprio eixo e ao redor do Sol, o tempo anula-se. O movimento exterior serve como meio para a imobilidade interior, até o estado que existia antes do imperativo de criação divina [...]. No giro o homem é o espelho microcôsmico de toda a criação. (WOSIEN, 2002, p.54)

O intenso rodopio permite, ao mesmo tempo, um estado de interiorização e uma forte sensação de presença. Em nenhum momento perde-se a consciência, mas a percepção da realidade externa é mais turva, enquanto que a realidade interna parece adquirir uma clareza incomum em nosso cotidiano. Por não fechar os olhos, o girador enxerga tudo ao seu redor, mas as imagens são como olhar pela janela de um veículo que esteja andando muito rapidamente e não há como fixar o olhar em nada. As imagens somadas à música constituem um exterior movimentado e ruidoso. Internamente, no entanto, a sensação é de calma e quietude, a impressão que se tem é que existe uma parte de nosso corpo girando e outra em repouso, uma junção do tempo e da eternidade, como diria Campbell. Segundo Camargo (2002), os sufis chamam este estado de *fana*, que significa aniquilamento: o momento em que nossa individualidade se apaga e o “pequeno ser” dá lugar ao “grande Ser”. É nesse estado, ao mesmo tempo de transe e alerta, que nos tornamos mais sensíveis, que apuramos nossa capacidade de escuta interior, que entramos em comunhão com o divino.

#### 4.2 DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS

As danças de roda fazem parte do folclore de inúmeras tradições e culturas. O movimento das danças circulares sagradas, no entanto, teve seu início na década de 70, através do contato de Bernhard Wosien e a comunidade de Findhorn, no norte da Escócia.

Bernhard havia sido bailarino durante toda sua vida e tivera contato com danças folclóricas europeias, muitas delas, danças circulares. Na década de 60, este interesse nas danças populares passou a ser o foco de seu trabalho e, agregando os conhecimentos adquiridos ao longo de anos em suas viagens pela Europa, juntamente com seu vocabulário de dança de sua vida como bailarino, Bernahrd começou a desenvolver a dança circular como forma de meditação e oração, utilizando elementos da dança, de maneira precisa, e símbolos religiosos<sup>5</sup>. Falando sobre seu interesse por este tema, Bernahrd Wosien diz que

De todas as danças populares que estudei, as minhas preferidas eram aquelas que ainda tinham suas raízes na fé. O sentido para o simbólico foi-me despertado, inicialmente pelo meu pai, pela escola humanística que frequentei e pelo estudo da teologia. (WOSIEN, 2000, p.103)

Uma de suas motivações para desenvolver seu trabalho de danças sagradas foi por acreditar que os europeus precisavam de uma meditação que envolvesse movimento; acreditava que a maneira estática de meditar, que chegava por essa época à Europa, vinda do Oriente, não serviria para eles. E, como já havia percebido o fundo religioso e sagrado nas danças populares, concluiu que seria uma forma propícia de aliar as duas coisas. Então, ele deu a início a seu trabalho de coleta de algumas danças já existentes e criação de outras, seguindo os mesmos princípios de formação, trabalhando com elementos como espaço, tempo e formas simbólicas e dançarinos de mãos dadas.<sup>6</sup>

Wosien salienta uma das diferenças entre as danças de roda e a dança- espetáculo, dizendo que se trata de uma arte introvertida, na qual espectadores não são esperados. Os passos da dança não são complicados de serem aprendidos e o fator repetição é muito importante, tanto para atingir o objetivo da dança que é um processo terapêutico, por um estado meditativo, como para a aprendizagem do movimento. Portanto, não é uma dança para ser assistida, e, sim, vivenciada, no grupo, estabelecendo contato com todos aqueles que compõem a roda. Wosien também diz que, para perceber o efeito terapêutico dessas danças, é preciso se tornar presente, dançar as danças. A partir daí “[...] se abre, para o bailarino, a sua origem religiosa, o caminho para a unidade e a solução da passagem do singular para o comunitário, para um estar junto em vibração. E fluem, então, energias aos dançarinos, vindas de uma fonte que continuamente se regenera.” (WOSIEN, 2000, p. 109)

<sup>5</sup> Informações retiradas do vídeo com a entrevista à Gabriele Wosien, conforme referência.

<sup>6</sup> Informações retiradas do vídeo com a entrevista à Gabriele Wosien, conforme referência.

A filha de Bernhard Wosien, Maria-Gabriele, trabalhou com seu pai em Findhorn e, além de organizar muito dos ensinamentos deixados por ele, deu sequência ao trabalho com as danças circulares, bem como expandiu sua pesquisa por lugares os quais seu pai não chegou a explorar. Em sua obra *Dança Sagrada – Deuses, Mitos e Ciclos*, ela descreve várias danças, explicando suas simbologias e formas. Diz que, na dança, reproduz-se o processo de criação das formas e, por isso, tornamo-nos conscientes de nosso eu. O uso do centro é uma forma de adquirir essa consciência de si mesmo, como indivíduo e como pertencente de um grupo, num equilíbrio entre liberdade e ligação e um constante exercício de transformação.

Nas danças de roda, as formas são idênticas ao conteúdo. A incômoda personalidade é neutralizada e o mundo, dividido entre sujeito e objeto, é integrado, como um, no fluxo do movimento. Através das imagens primordiais na sua totalidade, como elementos de cura, é possível equilibrar estados extremos. (WOSIEN, 2002, p.73)

Gabriele Wosien explica os diferentes significados possíveis das variações nas posições das mãos e diz que essas ligações de mãos ou braços dos bailarinos são gestos de oração. Quando os braços estão para baixo, faz-se referência à terra. Braços elevados pela metade, a partir dos cotovelos, referem-se ao centro energético do plexo solar. Os braços esticados em direção ao alto referem-se à energia que sobe, que cresce para além dos bailarinos. Os braços esticados nos ombros do vizinho simbolizam uma corda trançada por dois fios, a união dos opostos. Em danças de ritmo mais intenso, esta ligação pode ser mais estreita, simbolizando a unidade do grupo, como se fossem um só corpo. O sentido da dança é, quase sempre, anti-horário, imitando o movimento da Terra e simbolizando a caminhada do homem em direção à luz, em direção ao nascer do sol. A palma da mão direita aponta para cima e, a da esquerda, para baixo, fazendo com que cada indivíduo seja um canal que recebe e transmite energia e luz. Sobre o objetivo desta união, Wosien diz que

O objetivo da dança é a harmonia. Por isso exige do grupo um estado de alerta, pois, como na vida diária, a falta de atenção, os ritmos inexatos, a falta de dedicação ao detalhe, as inibições do poder-se-dar ao todo, levam à desarmonia e, finalmente, ao caos. Enquanto que os pés marcam sinais na terra, torna-se visível a intensidade da oração da dança como aspiração e destino em comum através das mãos unidas. (WOSIEN, 2002, p.75)

Portanto, mesmo tratando-se de uma dança relativamente simples, no que diz respeito à sua construção coreográfica, ela exige um estado de presença dos participantes, um cuidado

com cada movimento, que é o que leva a um estado meditativo, a um sentir-se presente na roda, sentir-se parte do todo. É através deste estado que se percebe a energia que flui na roda, a relação que se estabelece com o centro e com cada pessoa que compõe o círculo. Leah nos fala sobre esta energia criada pela dança e sobre o momento em que ela é, segundo a autora, mais fortemente percebida.

As danças incorporam espiritualidade e percepção consciente. Elas nos conectam à fonte, ao centro de nosso ser. O momento mais extraordinário acontece quando mantemos a quietude ao final de cada dança. Ficamos juntos no círculo, segurando a energia que criamos. É um momento que dura para sempre...além das palavras, além da dança. (LEAH, 2012, p.74)

A autora ainda salienta o papel da dança circular na construção de um mundo pacífico, pois ela é capaz de juntar homens e mulheres das mais diversas tradições, culturas, formações e fazê-los se sentirem irmãos verdadeiramente ao trabalhar com temas universais que tocam a todos seres humanos. Em seu artigo, ela relata uma ocasião, no aniversário de 1 ano do atentado às torres gêmeas, em que conduziu uma dança circular coreografada para um música sobre paz entre as crianças de Israel e da Palestina e diz:

Eu ainda fico maravilhada quando vejo as fotos de nossa dança circular: 150 homens e mulheres de todas as fés e tradições, dançando juntos no meio da Olympic Plaza. Esta é uma experiência transformadora: estou começando a entender como a dança circular pode mudar o mundo. Cada um de nós dança como é e, ao mesmo tempo, compartilhamos uma experiência coletiva de sermos 'um' no círculo. Este é um poderose contraponto à cultura do medo. É por isso que danço. (LEAH, 2012, p.75)

#### 4.3 DANÇAS DE CULTOS AFRO-BRASILEIROS

Assim como em outros povos, a dança é uma constante na cultura africana. Na verdade, ela originou-se como parte essencial na vida das aldeias e, por isso, é realizada em quase todas as ocasiões importantes, como nascimento, morte, plantio, colheita, etc. As danças africanas variam muito de região para região, mas a maioria delas tem determinadas características em comum e, entre elas, o fato de os participantes dançarem em círculos.

Silva Pinto, ao citar Welsh, refere que a coreógrafa aponta que a dificuldade em classificar as danças africanas advém do fato de existirem milhares de grupos étnicos

representando 400 milhões de habitantes no próprio continente e 150 milhões de afrodescendentes na chamada diáspora, espalhada por Américas do Sul e do Norte e Pacífico; a autora citada aponta sobre os sete sentidos estéticos que estão presentes na maioria das danças africanas: polirritmia, policentrismo, qualidade curvilínea, dimensionalidade, imitação, memória, repetição e holismo.

Ensina-se que a dança africana não é uma repetição do gesto do professor, mas um conhecimento perfeito do gesto, que tende a deixar o “dançarino livre para improvisar e para responder por gestos e com a sua inspiração ao apelo do Cosmos”.

Quando os escravos africanos foram trazidos para o Brasil, sua cultura veio junto e, apesar dos esforços em separá-los de seus grupos e enfraquecê-los, sua história e tradição falaram mais alto e eles foram capazes de manter suas raízes ainda que tivessem de adaptá-las à nova realidade. Uma série de religiões afro-brasileiras foram estabelecidas no Brasil, em diferentes regiões e com algumas variações, como o Candomblé, muito presente na Bahia e o Batuque, no Rio Grande do Sul.

Em todos esses cultos, a dança exerce um papel fundamental, pois ela é um veículo para que se apresentem os orixás, entidades ligadas aos poderes e forças da natureza e com características de personalidade próprias. Como em grande parte dos rituais, há um cerimonial, no qual cada elemento tem um significado e a dança não é vista de maneira isolada, mas como parte integrante de um todo que inclui os ritmos, as canções, os símbolos.

Para entendermos a função e o sentido simbólico da dança e da música no ritual, é necessário lembrar que o candomblé apresenta algumas características básicas das religiões africanas: como, em primeiro lugar a de ser uma religião holística. Cada aspecto da vida é ligado a um outro e, portanto, no ritual o ritmo é ligado à dança e ela por sua vez, às cantigas, numa corrente onde é difícil evidenciarmos o começo e o final. (BARBARA, 2002, p. 121)

A roda gira em sentido anti-horário em torno de um centro, e cada participante também gira em torno de si. Sobre o fato de o giro seguir num fluxo anti-horário, Barbara diz que é difícil encontrar explicações para isso, mas foi dito a ela que isso seria “bom para o espírito”. Cada orixá tem uma movimentação específica; então, dependendo de que orixá está sendo evocado, a dança, o ritmo e as canções se modificam. No Candomblé, a roda começa mais aberta e vai se fechando, até que as pessoas comecem a girar em torno de si mesmas num movimento de espiral, simbolizando a procura do próprio espírito e a comunicação entre o homem e a divindade.

Barbara (2002) fala sobre o fato de as danças serem realizadas em círculos e que isso significa a harmonia e participação de todos. Diz, também, que, no Candomblé, há um uso mais complexo do espaço do círculo. Na dança dos orixás, são usadas linhas retas e diagonais, como se o círculo tivesse sido aberto para a entrada deles e, ao final, é reunido mais uma vez. A movimentação em círculo, assim como nas manifestações apresentadas anteriormente, também está associada ao movimento do cosmos.

No candomblé há a consciência de uma unidade entre todos os seres e o cosmos, e sabe-se também que os movimentos do corpo nas danças de transe transcendem a pura gestualidade, inserindo-se no movimento do universo e recuperando energia. Para o candomblé, portanto, as danças são fundamentais, pois imitando e transcendendo, fundam-se no movimento das energias naturais. Entende-se assim o porquê da repetição e da procura de perfeição dos movimentos, sendo uma das técnicas para a ligação com essas energias. (BARBARA, 2002, p.136)

Em função dessa capacidade de nos levar a transcender é que se pode dizer que as danças de cultos afro-brasileiros também são uma forma de oração, de contato com o sagrado. Elas representam tanto elementos da vida terrena dos humanos, como o trabalho, o tempo, marcado pelo ritmo, quanto características de forças e energias que influenciam toda a existência e que são anteriores a nós.

#### 4.4 PARALELIZANDO OS GIROS

Os três exemplos que apresentamos utilizam, em diferentes contextos, a dança e o movimento do giro como forma de oração. Cientes de que tecer comparações entre universos tão ricos é um tanto ingênuo e pode reduzir a complexidade de cada manifestação, tomaremos licença para traçar alguns paralelos, com o único objetivo de analisar de que forma o giro acontece em cada uma dessas práticas.

O primeiro ponto que aparece em todas elas é o fato de o giro seguir um fluxo anti-horário, imitando o movimento dos astros, na intenção de entrar em equilíbrio com o cosmos. Todas reconhecem, no círculo, a característica sagrada de ser um ponto de encontro, uma representação da totalidade, além de ser uma forma de colocar todos os participantes numa relação de igualdade, tanto uns com os outros, quanto com o centro sagrado.

Nos três exemplos escolhidos, existe a ideia de introspecção para se atingir um estado alterado de consciência, seja este estado um transe ou simplesmente uma sensação aumentada

de presença. É o silenciar da mente, necessário durante a oração, para que se estabeleça um contato com o sagrado, para aumentar a sensibilidade e a escuta interior.

No giro sufi e nas danças de cultos afro-brasileiros é mencionado o estado de transe, ainda que com suas peculiaridades, enquanto que as danças sagradas almejam um estado meditativo, mais atento e sensível, mas que, normalmente, não chega a ser um transe.

Todas se utilizam da repetição dos movimentos, tanto para atingir este estado, como para marcar o ritmo que rege o tempo, os ciclos da vida. É através da repetição que as pessoas se apropriam do movimento, que o incorporam. No giro sufi e nas danças afro-brasileiras, a duração da dança, com a repetição do mesmo movimento, é mais prolongada e, frequentemente, mais intensa, fato responsável por levar ao transe. Nas danças circulares, também há a repetição de movimentos que conduz a um estado meditativo, através do qual pode se dar um processo terapêutico ou de cura.

Das três manifestações apresentadas, somente os cultos afro-brasileiros constituem-se em uma religião. O giro sufi, apesar de ter surgido dentro do Islamismo e apresentar elementos da religião em seu ritual, é uma prática que pode se dar em contexto isolado e as pessoas não precisam se converter ao Islã para praticar o giro. As danças circulares sagradas são uma prática que pode apresentar alguns símbolos e formas com significados religiosos, mas também não constituem uma religião. Pessoas de qualquer tradição ou credo podem participar das danças.

Todas as práticas apresentadas têm, como um dos objetivos ou consequência, o aumento da sensibilidade ou intuição das pessoas. O movimento ritmado faz com que nossos sentidos sejam apurados e que passemos a perceber coisas que antes não éramos capazes de perceber, desde questões físicas da natureza, sons, até questões mais subjetivas, como energias atuando em nosso meio.

## 5 FECHANDO UM CICLO

O objetivo do estudo foi apontar características, traços do movimento do giro que pudessem, de alguma maneira, justificar seu uso como forma de oração. Acreditamos que isso foi cumprido, mas, no percurso do estudo, muitas outras questões foram surgindo, tanto foi deixado de lado para cumprir com o protocolo de um trabalho acadêmico, que a sensação é a de ter pincelado sobre um tema de proporções universais, um tema que jamais se esgotará.

Os anseios do ser humano, sua necessidade de se expressar e de transcender uma simples sobrevivência são questões que podem ser analisadas por uma gama enorme de pontos de vista, e o fato de se tratar de um ser que está em constante busca, indica que sempre teremos muitas reflexões e descobertas a fazer nessa área.

Neste trabalho, procuramos estabelecer uma relação entre oração e dança, a partir do movimento do giro. Primeiramente, vimos que oração está associada a uma urgência humana em se voltar a algo superior e entrar em contato com o divino que há no interior de cada um de nós. Apesar de haver várias formas de se fazer isso, uma condição para que sejamos capazes deste contato com o sagrado é silenciar a mente.

Num breve histórico sobre a origem da dança, destacamos a antiga relação dela com momentos de adoração e contato com forças superiores, significando que, desde os primórdios, a dança já representava uma maneira de transcender e, portanto, ela também é uma forma de oração.

Por fim, analisando os diferentes giros, vimos que o círculo também tem uma relação muito forte com o sagrado e que isso acontece em diversas tradições, pois é algo que se repete em diferentes espaços e momentos da história. E o movimento do giro, nas danças analisadas, também apresenta muitos traços em comum, mesmo estando inserido em diferentes culturas e contextos, ele parece ter, nas mais diversas situações, objetivos muito próximos.

Esse fato não somente é um indício de que há realmente algo superior que conecta a nós todos, como se tanto os anseios quanto os aprendizados fossem compartilhados por toda humanidade, mas também de que, no fundo, sendo tão diferentes, somos todos iguais e que, mesmo que nossos caminhos tenham cenários diferentes, todos pretendem chegar ao mesmo destino.

Muito se fala que as pessoas buscam um sentido para a vida. Joseph Campbell, no entanto, discorda e acredita que necessitamos, mesmo, é de uma experiência que nos permita ter o sentimento de estarmos vivos.

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. (CAMPBELL, 2011, p.5)

E essa experiência, de acordo com a abordagem utilizada neste estudo, somente pode ser realizada na conjugação de corpo e espírito, pois é assim que nos constituímos e é assim que devemos experimentar a vida. A dança, como toda forma de arte, já tem a capacidade de levar o homem para além do trivial, mas essa antiga relação com o sagrado reforça a ideia de que ela, em toda a sua diversidade, pode ser um caminho de encontro com o divino, com o outro e com nós mesmos. Se, ao menos neste plano, somos feitos carne e espírito, é porque nossa existência deve contemplar estas duas dimensões de nosso ser, sem menosprezar nenhuma delas. É através de nosso corpo que percebemos o mundo, que nos expressamos, que entramos em contato com as pessoas. A oração através da dança vai, portanto, ao encontro dessa ideia. A alegria de dançar ecoa dentro de nosso mais íntimo e eleva nosso espírito. A paz que se estabelece em nosso corpo ao executarmos um movimento repetidas vezes, num ritmo constante, pacifica nosso interior e nos revela portas que o caos interno não nos permitia enxergar. A dança, portanto, pode ser um veículo, individual e coletivo, de humanização.

## REFERÊNCIAS

BARBARA, Rosamaria. **A dança das aiabás: Dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé.** 2002. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BETTO, Frei. **Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual.** São Paulo: Paralela, 2013.

BOFF, Lenardo. **Tempo de Transcendência: O ser humano como um projeto infinito.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CAMARGO, Giselle Guilhom Antunes. **Sama: Etnografia de uma Dança Sufi.** Florianópolis: Mosaico, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** 28 ed. São Paulo: Editora Palas Athena, 2011. Tradução de Carlos Felipe Moisés.

CREMA, Roberto. **Ciência, Religião e Desenvolvimento: Perspectivas para o Brasil.** Disponível em: <<http://www.cienciaereligiao.org.br/livro-ciencia-religiao-e-desenvolvimento-perspectivas-para-o-brasil/parte-iii-a-visao-do-brasil/roberto-crema/>> Acesso em: 17 ago. 2015

DANTAS, Mônica. **Dança, o enigma do movimento.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

DELORS, Jacques. A educação ou a utopia necessária. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.** Paris: UNESCO, 1996. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>> Acesso em outubro de 2015.

EHRENREICH, Barbara. **Dançando nas ruas: uma história do êxtase coletivo.** Rio de Janeiro: Record, 2010. Tradução de Julián Fuks.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

**Especial danças circulares com Gabriele Wosien (trad. Cristiana Menezes).** Entrevista com Maria-Gabriele Wosien. 56'26". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nJeaJtUDA40>> Acesso em agosto de 2015.

**Eu maior.** Filme sobre autoconhecimento e busca da felicidade. 99'26". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V0gquwUQ-b0>> Acesso em agosto de 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEAH, Ronnie Joy. Dancing for peace and healing: spirituality in action. **Canadian Woman Studies**, Canada, v.29, n. 1-2, p. 72-76, 2011.

LEONE, Alexandre. A oração como experiência mística em Abraham J. Heschel. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n.4, 2003. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2003/p\\_leone.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2003/p_leone.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2015

LITTLEBIRD, Sarracina. **Sacred Movement: dance as prayer in the pueblo cultures of the American Southwest**. Disponível em: <[https://dance.barnard.edu/sites/default/files/inline/sarracina\\_littlebird.pdf](https://dance.barnard.edu/sites/default/files/inline/sarracina_littlebird.pdf)> Acesso em: 18 ago. 2015

**Our connection to something bigger: the archetypes of CG Jung**. Palestra de Sandra Portko. 14 fev. 2013. 88'08". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gAE4bFKpUIA>>. Acesso em setembro de 2015.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985. Tradução de Prócoro Velasquez Filho.

PINTO, Maria Teresa Fabião da Silva. **Danças africanas e interculturalidade: mundividências e experiências de corpo em Portugal**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Curso de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ROTH, Gabrielle - **Os ritmos da alma: o movimento como prática espiritual**. São Paulo: Cultrix, 2000.

TREVISAN, Lauro. **O poder infinito da oração**. 4. ed. Santa Maria: Ed. da Mente, 1985.

TREVISOL, Jorge. **O reencantamento humano: Processos de ampliação de consciência na educação**. São Paulo: Paulinas, 2003.

QUOIST, Michel. **Construir o homem e o mundo**. 27 ed. São Paulo: Livraria Duas cidades, 1977. Tradução de Rose Marie Muraro.

WOSIEN, Bernhard - **Dança: um caminho para a totalidade**. São Paulo: Triom, 2000. Tradução de Maria Leonor Rodenbach e Raphael de Haro Júnior.

WOSIEN, Gabriele. **Os sufis e a oração em movimento**. São Paulo: Triom, 2002. Tradução de Contardo Alloni e Rosane Pamplona.

WOSIEN, Gabriele. **Dança Sagrada: Deuses, Mitos e Ciclos**. São Paulo: Triom, 2002. Tradução de Maria Leonor Rodenbach e Raphael de Haro Júnior.

ZILLES, Urbano. **Significação dos Símbolos Cristãos**. 6. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.